

Ex^{ma} Sr^{ta} D^{na} Jose Perena Queiroz Rua Augusta 98.

AMERICA

ALVARO VIANNA

Orgam Scientifico, Literario, Patriotico e Noticioso

ANNO I

SÃO PAULO, 10 DE ABRIL DE 1905

NUM. 5

Expediente

O America publica-se no dia 10 de cada mez.

ASSIGNATURAS:

Anno 6\$000

Pagamento adiantado.

Os originaes não se restituem.

REDACÇÃO PROVISORIA:

Rua Uruguayana n. 64 — S. PAULO-BRASIL

A ORAÇÃO

O homem que ora, tem a alma de joelhos nos pés de Deus. A oração, como a mais perfeita revelação do infinito, é o meio que temos para nos desligarmos, deixando emquanto oramos, o nosso corpo nos estreitos limites do tempo.

O principio da oração é a esperança, o seu fim é a realização do ideal. A sua consequencia é o extase: a alma fóra de si. Quando oramos nos sentimos arrebatados a um mundo superior... A oração, suspendendo a nossa alma para o eterno typo do bem e fazendo-nos entrar no templo da verdade com a consciencia da grandeza de Deus, é a confissão do poder universal. No meio das mentiras deste mundo de destruição, onde tudo nos foge, de onde tudo nos fala do nada que somos, —o homem nasce chorando, vive atribulado por entre as amarguras de uma vida culpada, morre consagrando com a ultima lagrima do estertor, o seu sincero arrependimento, que se escapa na ultima oração que faz.

A humanidade no resumo de suas provações conta com estes tres acontecimentos: a vida, a dor e a morte. Para todos elles a oração é o baptismo da salvação.

Quanto é grande, immensa a oração em todos os momentos da vida? Sim; a oração nos leva a fallar com Deus a todo o instante; pela oração Elle nos dá a consolação, o conforto a esperança

que nos traz a sublime Job. No lar a oração crêa o poder autoritario dos paes, estabelece o amor fraternal e constitue a base da sociedade pelo temor de Deus.

Na solidão do oceano, ella coduz o navegante por entre as muralhas de espuma, levantadas pelo sópro do tufão, ensinando aos homens a luctar com as furias dos alimentos. No tempo, ella nivela todas as classes, pelo principio de egualdade, estabelecendo as manifestações exteriores das

desprezo! A sua alma é um deserto de esperança, uma noite escura de crenças perdidas na indiferença de seu futuro. Imaginemos um mundo sem luz, uma natureza sem vegetação, tal é a vida humana sem a oração, que é a ponte dos segredos eternos por sobre os abysmo do nada. Nem o homem, nem povos, nem os governos, podem viver sem oração: a religião é a regra infallivel dos costumes Tudo pela oração, nada pelo esquecimento de Deus. No

que se nota nos concertos matutinos.

E' que no mundo physico não ha surpresas.

Tudo se faz com ordem e pela ordem.

Deus preparou nossos prazeres como sabe diminuir nossos pezares.

Os homens recebe lições até dos seres irracionaes. Os passaros são os primeiros que ensaiam seus canticos alegres em louvor da luz que se aproxima.

As flores dispndem seus preciosos perfumes, como incenso divino derramado no espaço. Tudo está de pé, só o homem dorme nesse grande festim universal.

No mundo sideral o espelho da Providencia, e a humilde Venus, que representa a gloria astronomica do céu da noite presta seu culto ao grande bello do céu do dia.

Ergue-se, então, da terra para o céu um templo de neve sobre columnas douradas da evaporação central; que logo se desfaz em vapores aquosos, congelados, que a atmosfera despede em flocos para os pincares das montanhas que guardam reservatorios subterraneos das fontes; que beneficiam a propria terra; é a retribuição que Deus manda ás preces da natureza, quando a noite entrega ao dia a evolução do trabalho, que é a lei da vida universal. A saudade é a filha da noite como a alegria filha da manhã; uma e outra vivem da oração. Em toda a sua peregrinação pela terra, Jesus o bello modelo da submissão, o prototypo da humanidade, encontrou sempre na oração a coragem de seu sacrificio, a perfeibilidade do seu martyrio. Na ultima hora de sua suprema agonia, ainda orou ao eterno Pai pelo seus proprios algozes, dizendo do alto patibulo: — "Perdão... e Senhor, em vossas mãos entrego o meu espirito"

Imiteo o seu exemplo.

J. J. F. de Albuquerque

DE'RA

Offerecido ao Snr. A. Vianna

N' uma extensa campina, onde ballavam as tenras ove-

linhas brancas, onde a galaria pachorrontamente ruminava a verde relva que cobria o solo fecundo, estava situada uma branca casinha, alva de neve, entre a verde alfombra que a sombreava.

O viandante que por ali tranzitasse, depois de transpor uma pesada porteira era atraído por uma linda alameda, onde o solo era forrado por uma gramma macia e fusca, onde a galharia do arvoredo, transava-se formando um tecto esmeraldino, onde a luz coava-se brandamente. Depois de uns quarenta passos era obrigado a attentar n'um magnifico jardim, onde as mais mimosas flôres misturavam suas variegadas côres, rivalizando-se no seu garboso porte, on no seu agradavel aroma, ou pela exqueticice de sua forma ou cor. De um lado o açude cercado de uma represa de pedras onde se accumulavam as aguas de diversos riachos, utilizada para fazer mover o velho moinho.

Do lado opposto, da grande elevação de uma collina escorregava lentamente um fresco e chrystalino regato, terminando num extenso lago onde as aves aquaticas banhavam-se orgulhosamente.

Pelas tardes calmas de verão, quando a briza ciciando a folhagem verde-negra do arvoredo, a passarada saudava com seus gorgeios bellos e divinos, a graciosa joven que tendo na mão um livro ou um bordado sentava-se silenciosamente num banco do bello caramanchão.

Véra se chamava ella, era um conjucto de belleza e perfeição; seus grandes olhos escuros rasgavam-se num roto oval, ligeiramente moreno, deixando um leve tom côr de rosa na mimosa face onde duas galantes covinhas expressavalhe o meigo sorrir.

Era o enlevo de seus pais que a adoravam sonhando para ella todas as venturas. Oh! mas um espinho ferira-lhe o coração desde o dia em que um formoso mancebo fitára seus olhos, nos d'ella.

Nunca mais o vira nem esquecera. Nem elle tão pouco; espreitava-a de longe adorando-a em silencio sem nunca

DESCUIDOS!!!

O' vós que á luz de mórtta. lamparina
Umás sentidas rimas buriláís,
Ou que d'uma donzella a purpurina
Bocca nuns versos tanto decantáís,

Ou que de imaginaria campezina
Romanescos amôres rendilháís,
E que á sua belleza perigrina,
Um soneto com arte esmerilháís,

Cuidado, não busqueis inspirações
Nos versos que outros poétas já tramaram,
Nas imagens que tantos cinzelaram,

Cuidado quando nas divagações
Do espirito co' as musas conversares,
Em versos teus, por d'outros não trocares.

(Inédito) 10-4-906
Olavo de Paula

crenças de Deus immortal pae do genero humano.

Onde quer que estejamos, no centro da familia, no mar ou em terra, a oração é necessaria. Com ella o espirito affasta de si as tentações do mal, purifica-se no influxo da fé, sobe na razão directa do amor, quando levanta os olhos para o céu, quando pede, quando implora, quando supplica o supremo auxilio do bem infinito. O homem que não ora, não tem pensamentos, superiores; vive das sombras, não tem em seu coração a virtude da paz, que é a quietação que é o silencio da felicidade victima da insomia, inimigo de si mesmo, a sua vida é a inquietação, o sobresalto, o

quadro poetico da aurora, em que se sustenta a vida dos seres pelo despertar do somno da noite, onde toda a criação sorri pelos esplendores da luz, vemos toda a natureza em oração.

No phenomeno colorido da refração da luz solar é que os poétas têm visto a deusa da manhã no throno da atmosphera?

Dizem que ella abre as portas do dia com seu dedo cor de rosa.

N'essa direcção da rectilinea prisma, a natureza estabelece a graduação do crepusculo. Sem esta harmonia gradativa da luz, o nascer do sol seria sensivel aos do espectador, em o encanto

ter occasião de manifestar-lhe o seu amor.

Foi bem triste essa oportunidade.

Era de noite. Grandes e escuras nuvens annunciavam grande tempestade; as avessinhas corriam apressadamente piando aterrorizadas; de espaço em espaço fortes relâmpagos rasgavam o céu plumbaleo.

A natureza estava aterradora, o raio lascava o arvoredo com um sibilar sinistro.

Na casa branca estavam desasocogados.

Véra no seu quarto, de joelhos orava com fervor, pallida amedrontada; de subito um trovão mais forte repercutiu no espaço ao mesmo tempo, que, uma janella, impellida violentamente por mão selvagem saltou com estrondo, e um homem penetrou por ella.

A pobre creança não teve forças para gritar; elle agarrou-a como se fosse uma pena, saltou para fora, e cavallou um animal que ali estava ajazeado.

A chuva desencadeou e foi então que ella soltou um grito horrivel deshumano, angustioso!

Correram todos: seu velho pae ao contemplar aquella triste scena, puchou por uma garrucha e disparou; mas, o infame raptor esporeando o corcel, galopava desesperadamente.

No meio do aguaceiro que cahia em jorros, via-se um cavalleiro a toda brida com uma donzella inanimada nos braços, defendendo-se de um pobre velho que corria, o quanto lhe permittia suas fracas pernas, a gritar:—ladrão de donzella, infame, pára, traidor. Derrepente á uma curva do caminho surge inesperadamente um vulto que soffreia o animal; uma detonação e um grito ouve-se na escuridão da noite e o cavalleiro cáe morto.

Pegar na joven correr para perto de seu pae foi para o novo personagem obra de um instante.

Ao chegarem a casa depol-a no colo de sua desolada mãe, e ajoelhou-se aos pés.

Depois osculando a mimosa mãosinha de Véra, hyrta e gelada, confessou o seu amor, mas foi apenas a um cadaver, o susto, o terror, aquella corrida vertiginosa pelo medo nho temporal, paralyzara-lhe a vida, e a pobre creança succumbira.

O corajoso mancebo que a arrancara dos braços do malvado era aquella a quem ella amava.

Acabou-se a alegria d'aquelle aprazivel lugar, e quem passasse de tarde pelo cimiterio...veria um pallido moço, chorando silenciosamente com a fronte apoiada n'um branco sepulchro.

S. Paulo 10-4-906

Maria Tracema de Oliveira

Cahir da tarde

A passarada preludia alegremente os cantos crespulares.

São 6 horas da tarde. O céu azul, levemente maculado com nuvensinhas brancas como flocos de neve, a laranja se avermelha lentamente para o lado occaso, onde o Deus da Luz, espumante de orgias, louco de gozos, vomita chammas.

O espetaculo assemelha-se a um incendio maravilhoso e phantasticamente bello!

Pelas arenosas estradas aquecidas pelo intenso calor, marcham, cabeças baixas, merencorios, caminhos do curral, bois. Pelas quebradas das montanhas, ennegrecidas pelo verde carregado das mattas e pelo cahir da tarde, repercutem o mugir das vacas, a trombeta do pastor recolhendo o rebanho, e o balir das ovelhas.

Alem. muito alem, ouve-se o latir de um cão, seguido pelo estampido de uma espingarda e por exclamações de jubilo. E' o caçador, o rei das mattas e o algoz das aves.

De repente o vozear que logo cresce, o bater constante da porteira, faz-nos voltar outra vez, a vista para a estrada. São homens robustos e vigorosos que, com enrubicados, paletots ás costas, vão gozar das alegrias dos lares. Acompanhando-os, carregando enormes marmitas, com os rostos velados por grandes lenços vêm as filhinas, as portadoras do sustento quotidiano.

No terreiro da fazenda, cochilam, preguiçosamente, Tolo e o patrãozinho encostado a uma tosca pedra. No interior o labutar continuo.

Nisto na cappellinha branca tange morosamente o sino. São Ave-Maria. Por toda parte, cabeças descobertas, ajoelhados, vêm-se homens, mulheres e crianças. Das suas sbcc's partem unisonamente "Ave-Maria cheia de graças, o Senhor comvosco,

O ruido de um bacamarte fende o ar. E' prenuncio das trevas.

S. Paulo 3 de Abril de 1907

MANOEL ELPIDIO NETO

AMOR FATAL

(NOVELLA)

Ao distincto joven Amadeu Carvalho

Mauro era o nome de um honrado mancebo, filho unico de uma familia honesta que vivia na indigencia.

Na sua infancia seus pais, com grandes esforços e a custa de enormes sacrificios, conseguiram dar-lhe uma educação aprimorada.

Quando a afflicção invadia o tugurio e punha em sobresalto o pensamento daquella pobre gente, bastava a presenca do filho amado, um seu sorriso, para dissipar a magoa que os atormentava; de nada mais se lembravam; cuidavam somente em prodigalizar-lhe caricias.

Alembrado já pelo arcar dos annos e comtudo Mauro attingindo a juventude, seu pai procurou collocar-o, afim de que com esse pequeno salario pudessem viver discretamente. Em pouco tempo, porém, o mancebo conseguiu captar a sympathia de seu protector, e a remuneração de seus

serviços avançava de mez a mez.

Passou-se assim um largo espaço de tempo.

Certo dia porém, Mauro depois de muito meditar, convenceu-se de que aquella vida sem futuro não podia continuar; devia buscar um meio de adquirir uma posição mais saliente e não demorou muito em encontrar-o.

Poz-se a estudar com afannas horas de lazer e breve concluiu elle o seu curso de humanidades.

Devia agora abandonar os entes que lhe fossem mais caros para ir em busca do seu nobre e elevado ideal, o seu sonho dourado que ia ser realisado com a entrada em Curso Superior.

Na hora da partida foi imensa a commoção: os dous venerandos anciãos, debulhados em lagrimas, agarram-se á sua unica joia, áquelle que ia fazer com que seus nomes fossem honrados e respeitadas no fim do seu tirocinio academico, para não deixal-o partir; mas, era forçoso separarem-se: E assim foi.....

Chegando ao termo da viagem, Mauro tratou novamente de collocar-se e todos os mezes enviava os subsidios necessarios para o lar paterno.

Dotado de magnanimo coração e de caracter nobre, os seus collegas viam nelle, não um amigo, mas sim um irmão.

Porém, a um só d'entre todos elles Mauro tributava um affecto acrysolado; era Marcello, seu leal amigo e companheiro de infancia.

Moravam ambos na mesma casa e naquella tenda de bonança sempre reinou a maior harmonia e cordialidade.

Quiz porém, a desdita um dia tonbar aquella paz serena e santa. Uma joven bellissima que todas as manhãs Mauro avistava, fez pulsar violentamente, e pela primeira vez, aquelle coração que, até aquella data, havia amado somente seus pais. Era a linda Eleonora, porte elegante, de peregrina sedução cujos cabellos pretos como o ébano, olhar limpido de falsa innocencia, labios cor de nacar que entre abertos mostravam como em escritorio uma fileira de perolas tão alvas como arminho; era uma dessas donzellas que se dizem perdidas de amor por um mancebo para o desprezar quando conseguem o seu intento, sahindo em busca de outros que sirva de instrumento docil aos seus caprichos pouco apreciaveis. Era emfim uma cabeça de vento.

Mauro ia ser uma victima dessa nefanda mulher.

Fingia amal-o e quando adquirio certeza de que era correspondida, enviou-lhe uma carta em que, accusando-o de infiel deixava-o por isso entregue ao remorso do seu crime.

Era esse o meio de que se servia para o fiel cumprimento de seu designio.

Qual não deveria ser o espanto de Mauro diante dessa missiva: seu coração luctava tenazmente com o espirito; e se este o aconselhava a olvidar a perfida effigie de tão negregada sombra, pedia-lhe aquelle commiserações por ella!

Era horroroso vel-o em tão duro transe—Conscio da sua innocencia, não podia entretentar ver na sua amada o perfil asqueroso de uma chocarreira execravel que entrega a sna alma, como offerece o seu corpo, ao primeiro argentario que pela sua frente apparece.

Dahi por diante não houve mais socego para elle. Não era mais o mancebo jovial e prazenteiro como d'antes: andava constantemente triste e acabrunhado; o sorriso havia desaparecido completamente de seus labios; nenhum o via mais abrir a bocca; a familia suas noticias não recebia; emfim, o seu unico prazer era, durante a noite, nas tavernas, sacrificar-se em holocausto a Bacco.

Marcello, sabedor da causa desta subita transformação, procurou, por meio de palavras animadoras, dar-lhe conforto e collocar-o novamente no caminho do dever, mas foram inuteis os seus esforços. Mauro amava pela primeira vez e tinha sido ludibriado; nada conseguia arrancar-o daquella situação, o seu amor era ardente e selvagem.

Não perdeu, porém, as esperanças e novamente fez-lhe ver que aquella vida desregrada não podia continuar, pois que seria a morte de seus pais, se della fossem sabedores. Não vês, disse-lhe, que essa mulher acha prazer em saber que tu soffres? Esquece-te della e não faltaria outras que sirvam de lenitivo ás tuas maguas. Sabes que este teu procedimento, esta vida que levás me traz em constante desasocego e me tortura? Já não fazes mais caso dos meus conselhos?

—Marcello, é inutil insistires no teu pedido; a vida parana-da mais me serve, torna-se-me pesada e devo acabar com ella o mais breve possivel. Amei essa joven e sei que esse amor me lançará no abysmo; mas que fazer? foi o primeiro e será o ultimo. Pedes-me que a esqueça, é impossivel! O primeiro amor não se extingue, parece com a pessoa. E's muito bondoso para commigo, não me esquecerei desta tua generosidade e cada vez mais os laços de amizade que nos unem tornam-se indissolueis. Julguei que com este meu modo de proceder encontrasse em ti, neste momento, palavras de escarnios e de desprezo, mas, enganei-me nas minhas supposições; vejo que és sempre o amigo sincero, o amigo que sempre compartilhou das alegrias e felicidades que inundavam o meu coração, das maguas que me affligiam e em teus labios encontro sempre palavras cheias de doçuras. Perdoa-me, pois, por te desobedecer. Dizendo isto partiu apressadamente.

Marcello não procurou retel-o porque viu que nada alcançava. Deixou-o, portanto, partir e procurou distrahir-se estudando. Não poude. Pensava na vida de Mauro que corria perigo. Devia collocar-se de sobreaviso para evitar que elle fizesse uma loucura e para isso era necessario vigial-o constantemente.

*

**

Tres horas da madrugada. Marcello não tinha podido ainda adormecer.

De repente ouviu ruido de que alguém fechava a porta da rua e, instantes após, o andar de uma pessoa pelo corredor. Reconheceu os passos de Mauro que se dirigia cautelosamente para seu quarto.

Depois de alguns instantes de hesitação, sahio para ir ter com o seu amigo e falar-lhe novamente. Qual não foi, porém o seu espanto ao abrir a porta do quarto e vel-o com um punhal suspenso sobre o peito e prompto para imergil-o inteiro! De subito sobre elle se lança e lhe arranca a arma.

Mauro sentindo-se envergado com a presenca do amigo em um momento de uma resolução covarde, abraçou-se a elle chorando e prometeu abandonar a idéa do suicidio.

No dia seguinte ao entrar em casa, Marcello ouviu a voz de seu companheiro que o chamava. Foi ter com elle: "eis-me aqui:

—Senta-te a meu lado que assim conversaremos melhor.

Não fui hontem a noite feliz no meu intento, de ha muito premeditado, devido á tua intervenção; actos desses são proprios de amigos generosos como tu. Prometti abandonar essa idéa e enganei-te: envenenei-me, e agora só resta supplicar teu perdão.

—Que dizes desgraçado?

bradou Marcello, com espanto.

—Não me interrompas porque

a vida esvae-se-me e não tenho tempo a perder.

—Não, devo ir em busca de um medico afim de salvar-te.

—E' inutil, quando regressares me encontrareis cadaver.

Restam-me apenas instantes e é preciso que attendas ao meu pedido o mais breve possivel.

—Falla que de antemão serás attendido.

—Pois bem, a unica consolação que levarei para o tumulo é o teu silencio sobre a minha morte. Rogo-te que nada digas á minha familia da vida que levei e nem quem foi a causa do desenlace que breve presenciáras. Deixo-lhes duas cartas pedindo Perdão, as quaes ficarão contigo para as entregar. Supplico-te que quando eu deixar de existir, te reunas aos meus pais ajudando-os em tudo que necessitarem, pois, apezar de ir viver longe, verei com grande gaudio o interesse que tomas por elles. Agora responde-me.

—Hoje os teus pedidos são orduens.

—Morro satisfeito e contente Perdoa-me por te haver enganado e não seguir os teus conselhos!

—Perdó tudo quanto fizeste, balbuciou Marcello.

—Então, adeus!

Cahiu sobre o leito, exhalando o ultimo sopro de vida e pronunciando o nome de Eleonora.

Ruiu por terra a sua dourada ambição. Marcello abraçou com verdadeiro amor aquele corpo ainda quente e inanimado, affagando carinhosamente a cabeça e cobrindo o rosto de beijos. Achava-se só novamente no mundo. O unico a quem podia confiar os seus males era a Mauro porque sabia que ali encontrava lenitivo. Tendo perdido os seus progenitores, julgava que com a amizade de Mauro a sua existencia se tornaria um pouco mais feliz e eis que este tambem o abandonava, partindo para a mansão dos justos.

Era necessario agora cumprir a sua ultima vontade. Não devia deixar aquellos dois honrados anciãos abandonados á sorte da caridade publica.

Depois de muito chorar, tratou de collocar o cadaver no ataúde e esperar a hora em que deviam arrancar-o para sempre de si e daquelle lugar em que havia passado dias felizes e ultimamente angustiosos.

O seu modesto quarto, transformado em camara ardente, em breve achou-se repleto de pessoas que pranteavam a morte daquelle martyr de uma mulher. De quando em vez o silencio funebre que ali reinava era interrompido por soluços que partiam de um coração afflicto—o de Marcello.

Soou afinal a hora.

Marcello levantou-se e indo collocar-se ao lado do ataúde, quiz ainda dirigir-lhe as ultimas palavras. E foi com grande difficuldade que pode fallar: Partes, inolvidavel amigo, para a eternidade, mas antes preciso dar-te o adeus da despedida.

Não sei o que será de teus pais quando receberem a fatal noticia do teu desaparecimento.

Queira Deus que não succumbam tambem porque assim poderei cumprir a honrada missão de de que me incumbiste. Serei para elles um segundo filho.

Naquella mulher não terá paz nem socego durante a sua vida porque nós tambem fomos victimas de seu desprezo.

Deus incumbir-se-á de fazer justiça. Adeus!

Debruçou-se sobre o corpo osculando-o na testa.

*

**

O cortejo funebre partiu vagarosamente á caminho da Necropoli.

*

**

Marcello não podia acostumar-se com aquella solidão. Tendo sempre presente a imagem do seu companheiro, nada mais encontrava que o destrahisse.

tudo lhe causava tédio. Sahlia sómente á noite para ir depositar flores sobre a campa que encerrava os despojos de seu amigo. Era essa a hora em que se sentia mais feliz.

Quando se approximou o dia de receber a recompensa dos seus esforços escolares, foi, immediatamente, em busca daquelles que devia proteger, entregou-lhes as cartas, contou-lhes o que havia succedido e trouxe-os para junto de seu filho. Ia dar começo á sua missão sagrada e na qual encontrava consolação.

Eram trez agora que trataram com carinho e orvalhavam com lagrimas crystalinas o nome de Mauro gravado sobre a louza fria.

*
**

Eleonora, a joven que tantas e tantas victimas fizera com sua belleza fascinante, era agora objecto de repugnancia por parte de todos que a conheciam. Fugiam della espavoridos e horrorizados quantos passavam por sua casa e viam a sua figura recostada ao peitoril da janella.

O seu lindo rosto de outr'ora, aquelle que attrahiu grande numero de adoradores, não era mais do que um espectro.

A justiça divina, essa justiça que nunca se faz esperar, transformou a sua belleza seductora em uma verdadeira monstruosidade.

Uma molestia que dia a dia minava sorateiramente o seu organismo fez com que as profecias de Marcello se cumprissem isto é, que ella não tivesse paz, socego e consolação durante a sua existencia, como não tiveram suas victimas.

*
**

Quando o sino da cappella da Necropole soava as doze badaladas da meia noite um vulto vestido de preto entrava cautelosamente e ia ajoelhar-se ao pé de uma sepultura onde demorava algum tempo.

Era Eleonora que, arrependida de seus peccados, ia lá para remil-os e rezar pela alma de Mauro, a unica victima de que sentia remorsos.

S. Paulo — 1906

Alice Mary

A esperança

Ao Dr. Antonio Nacarat

A esperança é o abrigo sacrosanto dos corações denegridos pelas densas penumbras do abandono.

E' ella que acalenta os corações, quando se sentem transbordados de saudade, dilacerados pelos laivos de uma paixão ardente, cruentados pelos espinhos do ciúme, envolto no espesso manto da descrença ou traspassados pelo perfido punhal duma ingratidão.

E' a esperança o balsamo santo que suavisa as chagas abertas, fendidas pelo negrume de um destino cruel!

Com o auxilio dessa luz divina que podemos alcançar os nossos mais almejados intuitos, porque ella nos leva a proseguir no caminho da sabedoria, da justiça e da verdade.

Esperança! quem vos envia á terra para nos soccorres?

Ah! é a Maria Santissima protectora da humanidade.

E' ella a mãe piedosa, de

cujo generoso coração partem chuvas d'esperanças, que cahindo sobre o coração crestado pelo inverno do infortunio, o fazem reviver e nelle borbulhar douradas illusões, que, como risonhos flocos de alento, nos vêm acalmar as afflicções, que quasi sempre se oppõem ao tranquillo caminho de nossa existencia.

Bernardina Jardim

bem; como eu era feliz então! Mas logo acordei e o contraste de meu padecimento real com a felicidade do sonho, foi um aressimo de soffrimento para teu pallido cantor.

(Dos Lyrios inedito.) 1906

Arnaldo Pensado

A minha joven colleguinha

Falecida a 10 de Março de 1903.

Concebiste o teu plano, cara colleguinha:

Sonho agreste

Embalados de amor na rêde loura construimos, entre o pejo e o sentimento, uma casinha pelo mundo em fóra, sob uma nesga azul do firmamento.

Flora, a ridente e perfumosa Flora, abraçava em feliz esquecimento esse ninho de amor que não descora onde os dias voavam num momento.

Do azul, porém, que tanta vez fitámos uma tromba desceu espirolando e levou a casinha em que morámos.

Mas soberba inda impera lá a alegria pois onde o sonho morre suspirando, com mais brilho rebenta a poesia

Paulicéa-906

(Inédito)

BENEDICTO GIANNELLI

Illusões

A' minha prima Albertina

Neste Lyrio, verás como que um ebrio de ventura, meu pensamento vagando nessa cidade junto a ti.

Sonhei contigo, bella amada, e como fui feliz no sonho.

Nem te contar eu posso! Veviamos felizes, um junthinho do outro, eu sorvia o nectar de teus lindos labios e respirava o delicado aroma que das tuas madeixas se expargiam e ebrio de prazer ajoelhava-me a teus pés, osculava tuas eburneas mãos, num phrenesi de louco.

Tu sorrias, e lançando sobre mim os raios de teus lindos olhos, levantavas-me e fazias sôar aos meus ouvidos a tua melodiosa voz com palavras carinhosas que iam cahir-me n'alma como gottas de orvalho sobre a corolla da flôr.

E eu, então entrelaçava tua cintura de sylphide, unia meus labios aos teus, num prolongado beijo e apertava-te fortemente contra meu peito.

Depois, de braços dados, passeava-mos pelo jardim, sentava-mos na relva, e eu enfeitava tua bella cabelleira com roxas violetas e azues *forget menot* e como duas creanças loucas passava-mos os dias, esquecendo-nos do mundo.

Eu fazia-te sentar em meus joelhos, e tremulo, apertando-te contra meu peito, cobria teu pescoço e teu mimoso rosto com ardentes beijos e tu sorrindo bejavas-me tam-

Querias, depois de longa peregrinação pelo resplandecente caminho do estudo, illuminar com a bella luz da instrução, os cerebrosinhos em trevas das tenras criancinhas.

Porém quando tinhas vencido todas as dificuldades que se oppunham a teus desejos, e ias começar a gloriosa carreira que abraçaste, a Morte, esse Archanjo do Exterminio, colheu-te, ainda no verdor dos annos desappareceste da casa paterna, deixando teus paes que choram e chorarão tua falta, e tuas collegas que com saudades recordam-se de ti!.....

Falleceste na primavera da vida, justa...ente na idade em que começamos a conhecer quanto o amor paterno é poderoso e santo!.....

Querida Alice

Dorme, dorme o somno eterno dos justos, embalada pela morte!.....

Repousa tranquilla o teu corpo juvenil, debaixo do frio marmore do teu jazigo, livre dos soffrimentos terrestres; e eu, tua collega, admiradora da nobre alma que pussuias, jamais me esquecerei de supplicar á Virgem Santissima por ti, enquanto entoadas com as outras virgens da Celeste Mansão, o bello, o harmonioso, o sachrosanto hymno da Ave Maria!

Adeus, Alice, Adeus!..... até o dia, em que nos encontrarmos, quando a morte me arrebatou assim como fez a ti. Adeus.

Tua collega e sempre amiga

IRACY DE PAULA

Recordações

„Hoje venho nas cordas
„do alaúde, sentido e
„grave, á beira do ataú-
„de, dizer-te o extremo
„adeus!...“

C. Abreu

Além! além daquelles campos amarellecidos pelos raios de Apollo, no cimo de uma verdejante collina, alveja ainda uma casa branca e risonha, enlaçada por viçosa trepadeira e rodeada de laranjas em flor e roseiras floridas.

Foi alli, alli que morreu Lenyra, a virgem idolatrada por meu peito, a minha tenra noiva; foi naquelle ninho de fadas, em meus frios braços, entre soluços e beijos, que apagaram-se os ultimos raios de seus olhos limpídos e puros, como o mar e o céu azul.

Além, além daquelles esguios cyprestes, entre tristes mausoléos, um pequeninó tumulo nevado, cercado de roxas saudades e frias semprevivas, repousa Lenyra, á noite, os raios frouxos e puros da lua filtrando-se por entre as trevas do sepulchro, vão lhe dar ternos beijos em suas faces frias e pallidas, pallidas como os brancos lyrios.

Ao relento, á luz pura do luar de prata, sonha Lenyra em seu pequeno caixão côr de violeta, tendo como colção agrestes goivos e como lençol petalas de rosas.

Pela manhã os doirados raios do Phebo illuminam o seu estreito tumulo e os passarinhos, parando sobre elle, então alegres cantos saudando a que alli dorme engrinaldada e fria.

*
**

Lenyra! ai quem me dêra ao teu lado sonhar tambem, sonhos risonhos, longe do mundo, sob um céu estrelado!

Mas, pobre de mim que vou vivendo sempre triste, muito triste, e o meu coração mais frio que as noites enregeladas do inverno, mais frio que a nevoa, com a alma enlutada, chorando á noite tristes lagrimas, lagrimas de saudade sobre teu tumulo de neve.

Pobre de mim, Lenyra, que vivo sem esperanças, sem crenças, separado de ti; ai de meus sonhos, sonhos doirados, a lousa branca e fria, a lousa que te cobriu, cobriu tambem a elles!...

Pobre e triste de mim, Lenyra!...

S. Paulo.

A. RIBAS

Recusa de um beijo

Ao meu querido padrinho

Dr. Hermogenes Silva

((O beijo é a forte expansão

((Dessa chispa celestial

((Que inflammou a criação.

Lidionetta era o nome de uma angelical creança, que eu muito amei. Que prazer eu sentia quando estava junto a ella, ouvindo aquella melodiosa voz de leve tîmbre, sentindo-me trans-

portado em sonhos, para as regiões etherias. Que gozo infindo eu experimentava ao tocar em suas mimosas mãosinhas de fada! Seu rosto de tez morena, tinha a maciez do arminho, seus lindos cabellos cor de azeviche, soltos, ondulavam em suas formas esculpturaes.

Seus olhos pretos, seu narizinho afilado, tudo, isso me encantava. Mas o que ella tinha de mais bello e que mais me extaziava; era os seus coralinos labios onde pairava sempre um sorriso cheio de divindade e innocencia, mostrando uma fileira de perolinos dentes.

Essa tarde, eu bem me lembro, tarde primaveril... *Phebo* desapparecia no horrizonte, e a passurada entoava os seus ultimos cantos e a magnolia em flor purificava a athmosfera... E nós, juntos no jardim, sentados num banco, conversavamos, sobre o amor, em um momento de extrema loucura, tive desejo de dar-lhe um osculo, porem ella recusou-se formalmente a realisação de meu anhelos, e suas faces tornaram-se rubras de pejo, mais rubras do que o nacar... Arrependido e querendo fazer desapparecer essa nuvenzinha que toldava o nosso amor, arrojeme a seus pés e de joelhos, suppliquei-lhe perdão; bejei com frenezi os seus pés mignons e nunca mais, tentei pedir-lhe o beijo que ia desmanchando, um amor tão puro e innocente!

Remeniscencias 1906

Fernando Moraes

Dois contos

A' quem me entende

I

Outr'ora, quando eu tanto te amava, que amar-me tu tambem assim fingias, como fagueira me sorria a vida, como na vida me sorria tudo! Os teus sorrisos divinaes e falsos, que tão fingida me lançavas, meiga, eram quaes flores divinaes puras, que me juncassem de perfume a vida...

E como o orvalho chrystalino e puro, que de manhã vem alentar a flor, assim teus labios para mim sorrindo, era o divino orvalho suspirado, que no jardim dos meus doirados sonhos vinha a esperança desse amor rociar...

Os teus olhares languidos e bellos, cheios da falsa e hypocrita ternura, o limitivo foram de minh'alma. seu balsamo, nas horas de amargura! A tua voz serénica e divina, bandolinando phrases amorosas, por ella de um descrente eu tive crenças, tive esperanças crendo no futuro!

II

E hoje que não me amas mais, perjura, e que por ti o meu amor findou-se, tudo de ti que tanto outr'ora amei,

hoje, porém também te desprezo e odeio!

Desde teus risos que me foram flores, que agora são os mais cruéis espinhos. desde os olhares dantes só de encanto, que agora dão-me o mais cruel pezar; desde aquella angelica e divina, que outrora meiga tanto esperançou-me, e que hoje só me desanima e fere. Tudo de ti só me aborrece e enjôa... É porque outrora se eu tanto te amei, hoje, porém, eu te desprezo e odeio.

FLORINDO ROSAS

O „America”

Eis, amáveis leitores, como se vos apresenta, hoje *O America*, caprichosamente impresso e com clichés de manifesto gosto artistico, offerecendo-se o ensejo de, mais uma vez, e, desta, com maior jubilo ainda, poder saudar os illustres callegas. E tudo porque? Eis-nos, nobremente, promptos para a resposta que tanto nos desvaneece.

Si *O America*, hoje, chega ás vossas mãos, com semelhante feição é porque conseguiu attrahir, ás suas columnas, a selecta collaboração de conhecidos escriptores, cujos nomes, representam, com brilhantismo, o valor intellectual de nossa terra. Era mistér, pois, consagrar-lhes um numero condigno. Aqui, gravamos os nomes desses distinctos cultores de letras e de outros esperançosos jovens:

Dr. Antonio Nacarato, Marques Schmidt, advogados; Francisco Garpar, (José Velho) conspicuo redactor d' «A Nova Cruz; professor Arthur Goulart, cujo soneto de seu inspirado bural, intitulado «Irmã de Caridade», foi transcripto por 38 das melhores revistas literarias; Benedicto Gianelli, Odilon Machado e Elpidio Netto, academicos talentoso; Diogo de Mello, auctor de innumerados contos; José Lopes e Plinio da Silva, (Ernande); Marques de Oliveira Junior, applicado estudante de sciencias e letras; Arnaldo Pensado, Padua Lopes, Affonso Schmidt, auctor dos «Lyrios roxos», obra publicada; Olavo de Paula, L. Ramos, Octavio de Paula e J. Bairão; as talentosas professoras senhoritas Henriqueta Santos, Pedrina Mendes Pinto, Francisca de Mello,

Bernardina Jardim, Iracema de Oliveira e Iracy de Paula.

A todos, enfim, deprecamos venia para consagrar o presente numero, como preito de homenagem e gratidão.

S. Paulo, 10 de abril de 1906

Alvaro Vianna

LIVROS NOVOS

AS CREANÇAS

Tem merecido a mais lisonjeira acceitação do publico lector e da imprensa brasileira o ultimo trabalho de Arthur Goulart «As Creanças». E bem o merece, pois no assumpto, não ha nada que leve vantagem á magnifica obra de nosso collaborador.

«As Creanças», conferencia litteraria realizada no dia 1.º de janeiro deste anno em Tremembé, Estado de São Paulo, pelo escriptor e poeta que os nossos leitores já conhecem vantajosamente, despertou justos applausos do auditorio seleoto que o ouvia, e, por isso, em boa hora resolveu Arthur Geulart publical-a em um livro, afim de que os que não a ouviram possam agora lel-a.

O trabalho é magistral e curiosissimo. Arthur Goulart, que é conhecedor profundo do character infantil, estudou-o com pericia e apresentou a respeito uma obra moderna, perfeita e cheia de encantadoras scenas desenhadas ao natural, com mão de mestre.

Reconhecendo estas qualidades na conferencia do educador e literato, a imprensa elogiou-o francamente, a começar pelo organ *Estado de São Paulo*, que é conhecido e havido como rigoroso embora justo, nas suas apreciações aos livros que lhe são offerecidos.

Arthur Goulart trata das creanças e estuda-as em todas as suas phases, desde que nasce até ao periodo collegial. Lemos a conferencia de um folego e a impressão que tivemos dessa leitura, foi simplesmente fascinadora, agradabilissima.

As 40 paginas d' «As Creanças» são, facetas, buriladas com esmero e arte e de linguagem correctissima.

O America, enviando ao seu collaborador Arthur Goulart os mais amistosos parabens pelo justo successo do seu novo trabalho, agradece

o exemplar que lhe foi offertado.

Acaba também de sair do prelo o livro de ensaio do inspirado poeta e nosso prezadissimo collaborador Affonso Schemidt, que, aos 15 annos já vai á grande, musa burilar bellos versos. Cumprimentando-o, fazemos ardentes votos para que dentre em breve tenhamos a felicidade de sermos honrados com outros seus trabalhos que ainda se acham no prelo.

Nova Cruz

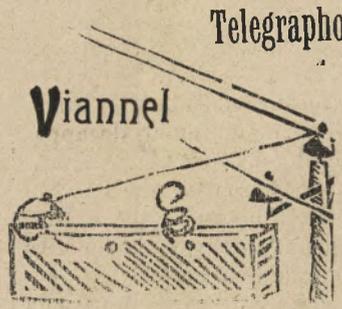
Recebemos o n. 11 da *Nova Cruz*, a brilhante revista— uma das melhores do Brazil, dirigida pelos Snr. Arthur Goulart e F. Gaepar.

Traz um semanario fidalga, selecto e digno de incomios. Agradecemos a visita da gentil callega.

Secção Infantil

Convidado pelo nosso chefe, acceitou o cargo de redactor da *Secção Infantil* desta folha, óra creado, o intelligente menino Vergilio Goulart do 3º Grupo Escolar do Braz.

A elle pois Aven. (Rangel Pestana 216) podem os pequenos collaboradores da *Secção Infantil*, remetterem as suas produções, afim de serem publicadas. Podem também envia-las á Red. desta folha.



Telegrammas de nossos representantes dos lugares a que são designados.

Café Girondino, 9,15 da noite de 9-4-1906.

Vendo grande agglomeração da povo á porta desse Café, dirigi-me apressadamente a ver se tinha sorte de mandar uma boa reportagem. Ao chegar bem proximo, reconheci não ser mais do que a bella modinha do Bahiano, intitulada *Seu Nicolau*, que despertava tanta attenção.

Continuo passeando pela cidade e, o que apparecer como novidade irei sciencificando-vos.

Do reporter d'O AMERICA em serviço no centro.

Alumnos de Talma, 8 horas da noite de 31 de Março

de 1906. Acabo de aqui chegar, eis o que vos posso informar: recebido amavelmente pelo sr. vice-presidente, entro acompanhado por elle no vasto salão do Club, que se acha profusamente illuminado de luz e de distinctas familias de nosso bairro, dando-lhe um tom de verdadeira animação.

Do reporter theatral juncto á esta sociedade.

“Ao America”

Urgentissimo

Confeitaria Pinto, 10 horas da noite 9-4-1906.

Muita freguezia sentada ás mesas, discute o assumpto de apresentarem na primeira eleição que se fizer para senador estadual, o nome do honrado chefe politico deste districto Snr. Dr. Almeida Lima.

Como todos discutissem o mesmo assumpto apressome em communicarvos.

Do reporter em serviço nos pontos de reuniões politicas do Braz.

“Ao America”

Gynnasio Urgentissimo

«2 horas e 40 m.» da tarde de 6-4-1906, acaba o Pinto de ser promovido a Gallo por ter cantado tão alto que o povo inteiro ouviu.

Do reporter, aqui de serviço.

Fenix, 9,40 da noite de 8-4-1906.

Prof. Alfredo Guedes, indignado, protesta contra o acto do Jardim levar um socio sem convite. Estou vendo que a cousa acaba mal; a discussão em voz alta, em pleno salão, chama a attenção das damas. Dizem que o prof. está armado e que dará um tiro no Jardim ao sair á porta.

Que bom socio! Desses é que devia haver uma duzia. Veja os estatutos, seu Jardim...

Noticiario

Cemiterio da 4a. Parada

Em visita a um ente querido, que alli descansa, tivemos também occasião de apreciar a capelinha desse cemiterio, onde existem duas bellas imagens sendo uma de Christo, e outra da Virgem Maria ajoelhada a seus pés. Ha ainda ladeando esse local alguns trechos extrahidos da historia sagrada, sendo todos significativamente tocantes e muito proprios para alli figurarem.

A impressão que trouxemos foi a melhor, e por esse motivo cumprimentamos o Snr. Bernardino Fernandes, pelo seu reconhecido zelo no desempenho do cargo de

administrador desse necrotério.

Regresso

Acha-se entre nós o nosso intelligente collaborador e presado amigo, Arnaldo Romão Pensado, que em companhia de seu estimado pae Antonio Romão Pensado zeloso funcionario dos correios de S. Paulo e de sua gentil irmã, senhorita Leonor Odette Pensado, fôra a Rio Claro em procura de melhoras á saude de seu extremoso pai que se achava ligeiramente enfermo e que felizmente já está restabelecido. Com auctorisação para representar a nossa modesta folha, esse nosso companheiro desempenhou essa missão na mesma cidade, visitando todas as redacções e sendo muito bem recebido em todas ellas, notadamente pela do nosso illustre collega «O Alpha» que com, o cavalheirismo que lhe é peculiar dispensou-lhe toda attenção. Ao collega mil agradecimentos.

Palcos e Circos

Avisamos que para nos fazermos representar nesses lugares é necessario que nos sejam enviados dois convites com direito a duas entradas cada um delles, sendo um, para o redactor-chefe e outro para o redactor-infantil, á redacção d'O America, r. Uruguayana n. 64, S. Paulo.

A direcção.

Viagens

Seguirá brevemente para Poços de Caldas, o Snr Alvaro Vianna, nosso Redactor chefe; que, a conselho medico, vai buscar nessa salutar cidade melhoras á sua saúde que se acha ligeiramente alterada,

Fernando de O. Moraes

Á este nosso estimado collaborador é que devemos o serviço de clichés em madeira que gentilmente se dignou offerecer á esta Redacção.

Em signal de verdadeiro agradecimento pretendiamos honrar a nossa segunda pagina com o retrato desse talentoso e operoso amigo não o fazendo por ternos chegado muito tarde o respectivo cliché. No proximo numero cumpriremos esta missão

A Redacção

Visitantes cariocas

Estiveram nesta cidade alguns dias, em visita ao snr. Ernesto Souto nosso prezado amigo, os seus estimados parentes: Etlvina Souto, sua estremosa mãe; seus manos, Joaquim Souto Freº. Souto, e Fabio Moraes Souto que cantou ao violão uma composição de sua inspirada lavra intitulada: — Casal invejado: que foi muito apreciado; sendo obrigado a bisal-a, todos com suas Exmas. familias e o snr. João Maximo Cordeiro. São elles altos funcionarios da Estrada Central. N'um jantar intimo que seu filho e manolhes offerecera, tivemos a felicidade de tomar parte. Que tivessem feito uma viagem feliz e levado doces recordações de nossa Paulicéa, é o que desejamos.